

AS PERGUNTAS DE SUSANA

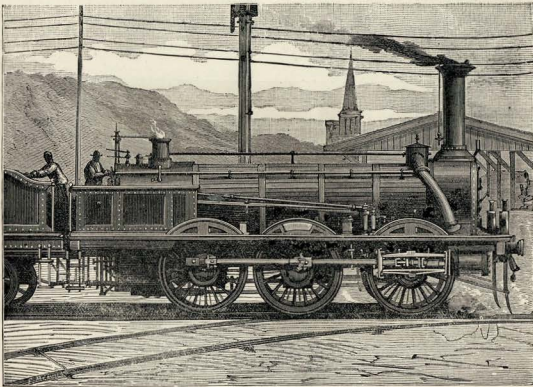
POR EMILIO DESBEAUX

(Continuação do numero antecedente)

CAPITULO XXI

O VAPOR NA PRISÃO

A Susaninha mostrou-se durante todo o dia tão impaciente por ir esperar á estação o seu querido papá, que a senhora de Sannois teve de mandar apromptar a carruagem muito antes da hora propria, do que resultou chegarem á estação com enorme antecedencia.



— É uma locomotiva, não é verdade ?

Paulo alcançou licença para entrarem para a plata-forma da estação, aonde podiam ver chegar o comboio de Marselha. D'esse modo podiam igualmente abraçar logo á sahida da carruagem o sr. de Sannois.

Apenas entrou na plata-forma, a nossa Susaninha ficou muito admirada ao ver as locomotivas que avançavam e recuavam; ao ver os *wagons*, que os carregadores empurravam d'aqui para alli, engatando-os uns nos outros, fazendo-os girar para mudarem de linha, etc. Os silvos agudos d'uma machina, que andava fazendo algumas manobras, obrigaram-na a tapar os ouvidos; e a bulha que a locomotiva fez ao passar, estabelecendo ao mesmo tempo uma forte corrente de ar, forçou a nossa pequenita a recuar alguns passos, um tanto assustada.

Susana viajara muitas vezes em caminho de

ferro; mas metterá-se sempre na carruagem, sem sequer olhar para a locomotiva. Agora via de perto aquella potente machina, examinava-a, e perguntava entre si como é que ella podia andar sem ninguem a puxar, arrastando, de mais a mais, uma enfiada de *wagons*!

A Susaninha ergueu para o irmão um olhar interrogativo; mas elle não reparou, porque estava distrahido a olhar para a linha. Então lembrou-se de recorrer á mamã; faltou-lhe, porém, a coragem ao vel-a inquieta e commovida. Restava o avôsinho, que, mais forte nas situações commoventes, se havia aproximado d'uma locomotiva que repousava no fim da plata-forma. Era uma

machina recentemente construida, e o sr. de Beaucourt examinava-a com um certo interesse.

Vendo que não podia contar com a mamã nem com o mano, a Susaninha dirigiu-se ao avô e pegou-lhe na mão. O sr. de Beaucourt apertou-lhe a mãosinha, e continuou a examinar a machina. A pequenita conservou-se calada alguns instantes, até que disse:

— É uma locomotiva, não é verdade ?

— É — respondeu o avô, dando então attenção á netinha.

— Aquillo é que puxa as carruagens ?

— De certo.

— Então a locomotiva anda só por si? Porquê? — perguntou a pequenita, chegando ao seu fim principal.

— Já cá me faltavam os teus porquês! — re-dargui o avô, que estava ainda distrahido com

a nova machina. — Ora vamos lá: que é que tu perguntas?

— Pergunto porque é que uma locomotiva anda só por si.

— D'esta vez, acho singular a tua pergunta. E os cavallo não andam tambem só por si?

— Ah! mas os cavallo são animaes, têm vida, em quanto que...

— Bom, bom; — atalhou rindo o avô — vejo que não ha remedio senão entrar em explicações.

— Pudera não!

— Pois bem: a locomotiva anda só por si, como tu dizes, porque encerra uma porção de vapor.

— E o que é que faz esse vapor?

— Faz girar as rodas, e, logo que as rodas giram, a locomotiva anda! Isto toda a gente percebe!

— Pois sim; mas o que nem toda a gente percebe, e d'esse numero é a tua netinha, é a razão porque o vapor faz girar as rodas—disse a Susaninha com extrema meiguice, para captar a bôa vontade do avô.

— Não ha meio de fugir ás perguntas da menina! — tornou o ancião, soltando um suspiro, como se lhe fosse fastidiosa a tarefa que, pelo contrario, lhe era até muito agradável.

— Dize lá, avôsinho, não sejas mau! — supplicou a ladina, que bem sabia o caso que devia fazer dos suspiros do avô.

E para o decidir completamente, acrescentou:

— O vapor faz girar as rodas: mas então o vapor tem muita força?

— Uma força enorme!

— Mas como é isso?

— Quando conversámos ácerca da nuvens, não te lembras que principiei por te perguntar se já tinhas reparado no effeito da agua sobre o lume?

— Lembro sim, avôsinho; e foi então que me fizeste notar que d'essa agua sahia o vapor.

— Justamente. De certo já tens visto a tampa da panella levantar-se repetidas vezes, quando a agua que está dentro começa a ferver, por outra, quando principia a formar o vapor?

— Sim, sim, a tampa parece ser impellida, mas torna logo a cahir.

— Ora muito bem: quem é que impelle a tampa? Vê lá se sabes responder.

A Susaninha reflectiu durante alguns segundos, e depois respondeu:

— É o vapor que sahe da agua e que deseja subir.

— Ora ahí tens: se o vapor levanta a tampa da panella, é porque tem força.

— Pois sim, mas entre levantar a tampa d'uma panella e fazer mover as rodas d'uma locomotiva, a differença é enorme.

— D'accordo; mas se aquella porçõesinha de vapor possui uma pequenina força, porque não ha de uma porção muito maior possuir uma grande força?

— Não tinha pensado n'isso! — declarou ingenuamente a pequenita. — Já se vê que n'uma locomotiva ha uma grande, uma enorme quantidade de vapor d'agua. Explica-me então como é que elle serve na locomotiva.

— Isso é que não, minha filha; apesar da tua clara intelligencia, pouco poderias perceber, se eu entrasse em pormenores.

— Pois não entres em pormenores — insistiu Susana.

— Tens então grande empenho em saber...

— Tenho, sim, avôsinho — interrompeu deliberadamente a pequenita.

O sr. de Beaucourt não pôde deixar de sorrir, e mostrando a encantadora menina a locomotiva que elle estivera examinando, perguntou-lhe:

— O que é preciso para produzir o vapor?

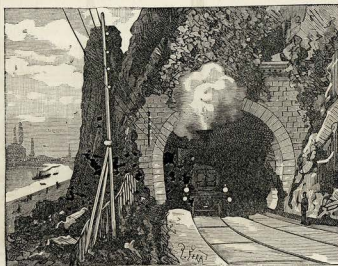
— Agua e fogo.

— Em primeiro lugar, devo indicar-te onde se mette a agua e onde se faz o fogo. Mette-se a

agua n'aquelle volumoso corpo cylindrico que tens diante dos olhos e que constitue a maior massa da machina. Aquelle corpo é a panella, uma panella enorme, por outra: a caldeira. O fogo atea-se pela parte de traz, n'uma grande fornalha, diante da qual está o fogueiro, isto é, o homem encarregado de deitar o carvão de pedra na fornalha, para que o fogo se não extinga durante a viagem, e o machinista, incumbido de regular a marcha da locomotiva. Temos já a agua e o fogo. O fogo da fornalha, aquecendo a agua da caldeira, vae obrigar-a a emitir vapor...

— E o vapor impellirá alguma tampa? — interrompeu a Susaninha.

— Não; impellirá alguma coisa, mas não uma tampa. Se impellisse uma tampa, escapava-se para o ar, como o vapor da panella, e de nada serviria, seria vapor perdido. Elle de certo desejaria fazer isso, mas não o deixam. Está alli preso, n'aquelle caldeira, e, como todos os presos, procura uma sahida para se evadir. Arremette contra as paredes da prisão, desejando despedacal-as, para poder fugir; felizmente, ellas são fortes e resistem. Mas, afinal, o senhor vapor



descobre uma sahida, que é um tubo que está justamente debaixo do canudo da chaminé, e precipita-se para dentro d'elle. Julga encontrar no fim do tubo o ar livre, a liberdade; mas engana-se. De facto, que encontra elle na extremidade do tubo?

— Naturalmente, um guarda, que o não deixa sahir! — respondeu a Susaninha, seguindo a comparação do avô.

— É isso quasi. Encontra aquelle tubo grosso e curto, que vês perfeitamente d'aqui, por baixo da chaminé, á altura das rodas. Como é facil de imaginar, lança-se no tal tubo, esperando achar a liberdade, mas...

— Ainda outro obstaculo! Pobre vapor! fazem-lhe pagar bem cara a liberdade!

— Achaste a expressão exacta: fazem-lhe pagar bem cara a liberdade, que lhe dão afinal. No meio do tubo que estás vendo, esbarra com uma peçaninha de ferro, chamada pistão.

— O que é isso?

— Não te vou dar a definição; contento-me em proseguir na minha comparação, pedindo-te que faças de conta que o pistão é a tampa da panela. Ora ahí temos o nosso vapor diante d'uma tampa. Que fará elle?

— Provavelmente, levanta-a?

— Justamente; e como aquella tampa está ligada por um mecanismo ás rodas da locomotiva, o vapor, empurrando a tampa...

— Faz mover as rodas! — exclamou a Susaninha, muito contente. — E depois?

— Depois o quê?

— Que succede ao pobre vapor?

— Dão-lhe, finalmente, a liberdade.

— Mereceu-a bem!

— Depois de impellir a tampa, ou antes o pistão, deixam-no voltar ao tubo da chaminé, e então é que pode escapar-se. Não te explicarei por que engenhoso systema conseguem levar o vapor ora para o lado direito, ora para o lado esquerdo do pistão, para elle fazer mover as rodas; basta que fiques convencida do facto, que presencias. Postas as rodas em movimento, a locomotiva parte por ahí fora, arrastando as pesadas carruagens que lhe são confiadas.

N'este momento, a senhora de Sannois, pelo braço de Paulo, encaminhava-se rapidamente para o lado do sr. de Beaucourt.

— Está á vista o comboio de Marselha! — disse ella bastante commovida.

Voltaram todos quatro para o centro do caes da estação, e esperaram silenciosos.

Em breve se viu apparecer ao longe, em meio d'uma nuvem de fumo, saltando agudos silvos, o comboio que trazia para o seio da sua familia o bravo capitão de fragata, sr. de Sannois.

(Continúa.)



A UMA CREAMÇA MORTA

Era formosa e boa; o seu olhar
Translucido, infantil, precocemente
Scismador, tinha um brilho intelligente,
Que cedo a morte foi embaciar...

Alegre, sem a nuvem d'um pezar,
Corria a sua vida docemente,
Como desliza em lago transparente
A petala d'um branco nenuphar.

Mas, se ás vezes pediam para pão,
Rotos e frios, pobres pequenitos,
No seu affectuoso coração

As supplicas dos tristes tinham echos:
Dava prodigamente os seus bonitos,
Com elles repartia os seus bonecos!

Lisboa.

ZUÏTE SIMÕES.

DEUS!

Eu me lembro! eu me lembro! — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramava
E erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca escuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe n'esse momento:
«Que dura orchestra! Que furor insano!
«Que pôde haver maior do que o oceano,
«Ou que seja mais forte do que o vento?!»

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os céos
E respondeu: — Um Ser que nós não vemos
«É maior do que o mar que nós tememos,
«Mais forte que o tufão! meu filho, é — Deus!»

CASIMIRO D'ABREU.

VERSOS AO JULIO

PRECIPITAÇÃO

Em casa pobre e modesta,
Quatro gatos e uma gata
Passam as horas da sesta
N'uma alegre bambochata.



Deixa a gata os quatro filhos
Dar saltos e cambalhotas,
Pois que nem rompem fundilhos
Nem gastam solas de botas.



Cansando-se emfim de vez
Peti, *Argel* e *Doninha*,
Saltam lestos todos trez
Sobre um mocho de palhinha.



Dos manos o mais esperto
E mais ladino — o *Carocho*
Fica brincando alli perto
Por não ter logar no mocho.



A mãe, por elles velando,
Jaz estendida no solho;
Bocejia de quando em quando
Sem conseguir pregar olho...



Tem de dormir a attitude,
Mas conserva-se em vigilia,
Co'aquella solicitude
De quem é mãe de familia.



Carocho, ao sentir-se farto
De andar brincando sósinho,
Sae sorrateiro do quarto
E vae p'ra o quarto visinho.



Alli, pensando se inflamma
N'uma *partida* da breca,
E apoz momentos exclama
Como Archimedes: — *eureka!*...



Tira um fio á dobradoira,
Um velho jornal apanha,
Recorta-o co'uma thesoira
Dando-lhe a fórma de aranha.



Depois, n'um salto atrevido,
Quasi ao tecto se transporta
E chega ao vidro partido
Que ha na bandeira da porta.



D'alli, deitando p'ra fóra
A aranha feita em papel,
Os horisontes explora
E vae largando o cordel...



Desce a aranha a pouco e pouco
Sobre a gata, que se espanta,
E soltando um grito rouco
Assanhada se levanta.



Vendo a aranha no nariz,
Salta com furia tamanha,
Que Argel, Doninha e Petiz
Vae tudo em papos de aranha!



Grita tudo amedrontado,
Qual mais corra, qual mais fuja,
Argel n'um pulo, coitado,
Cae na celha d'agua suja!...



E de cara prasenteira,
O *Carocho*, ás gargalhadas,
Ri de cima da bandeira
A bandeiras despregadas...



N'aquelle expansivo riso
Aprende-se esta lição:
— Nunca é bom fazer juizo
Logo á primeira impressão...



D. MARIA DO Ó.

OS DOIS IRMÃOS

Arthur e João são dois meninos, um de 10, outro de 9 annos. Frequentavam ambos a aula de instrução primaria, devendo ir fazer exame n'esse anno.

O Joãozinho, mais novo que o Arthur, era os sonhos dourados dos paes; e com razão, porque João era docil, amavel, estudioso e muito amigo dos pobresinhos. Quando, depois d'estudar, sahia a passear com a mamã ou com o papá, e acontecía algum infeliz dirigir-se a elles a pedir esmola, se acaso lh'a recusavam, chorava e pedia por Nossa Senhora, que sempre implorava, para que dessem alguma coisa ao pobresinho.

Arthur, muito ao contrario, era turbulento, mau de genio, não brincava senão a bater, ou a incommodar os outros, não estudava nada e o que o irmão tinha d'amor pelos mendigos, tinha

elle de nojo e desprezo. Chamava-lhe remendões, e muitos outros nomes feios, de que João nada gostava.

Era nas vesperas d'exame; o irmão mais novo de Arthur não sahia do quartosinho onde estudava. Quando não comprehendia alguma cousa, superior á sua idade, chegava-se ao pae e com muito bom modo lhe pedia para que lh'a ensinasse.

— Ainda não pude comprehender muito bem, — dizia elle ao pae, quando não percebia a explicação — torna-me a explicar, sim?

O pae explicava-lhe então outra e tantas vezes até que o Joãozinho lhe dissesse:

— Está bem, papá, obrigado, já comprehendí! Depois recolhia-se novamente a estudar, e estudava, estudava, porque todo o seu desejo era ficar approved no exame.

Arthur, esse só pensava em quebrar todos os brinquedos do João, porque não podia ver o *sonso*, como lhe chamava. Em vez de se distrahir com os livros, como o Joãozinho, tinha por divertimento predilecto o fazer de cavallo; com um pau e uma corda formava um chicote, depois uma vassoura servia-lhe de corsel, e assim andava por toda a casa, fazendo um barulho infernal, não se lembrando do estudo, nem do seu proximo exame.

João era por todos bem visto, o que o desenvolto Arthur não podia supportar. Todos lhe levavam carrinhos, tambores, cavallos de pau, etc., etc., que o seu mau irmão quebrava por maldade, quando os estava examinando.

Dois irmãos e que genios tão diversos!

O que é a natureza!...

Chegaram os exames; ambos foram examinados; mas Deus castiga sempre os maus e premia os bons; Arthur ficou reprovado e João alcançou mais que o seu desejo, porque sahio distincto!

Arthur conheceu então o mal que tinha andado, ao ver o irmão cercado de festas, rodeado de presentes, e gosando dois mezes de descanso, durante os quaes andava sempre de casa em casa, porque, graças ao seu bom genio, todos o queriam ter ao pé de si; enquanto que elle, como fôra mandrião, tinha de ir todas as manhãs para o collegio, aborrecido e choroso.

Reconheceu o mal, mas já era tarde!

Prometteu que se havia de emendar, mas não lhe foi possível, de maneira que continuou sempre com o seu mau genio e desprezo pelo estudo.

Querem saber agora os meus leitoresinhos o que foi feito dos nossos heroes?

João cresceu, e quando chegou a homem, viu-se cercado d'amigos, e, como tinha seguido bem os seus estudos, entrou n'uma brilhante carreira, ao passo que Arthur nunca chegou a ser nada.

Ai! se não fosse o seu mau genio, se tivesse tomado por exemplo as boas acções de seu irmão mais novo, de certo seria mais feliz e respeitado!

Lisboa.

A. MEIRELLES DE LEMOS.

PENTEADOS AFRICANOS

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso — bem diz o dictado. Reparem os meus meninos nas cabeças representadas na gravura d'este artigo. Que extravagancia de penteados! Tanta phantasia deixa a perder de vista as invenções dos cabelleiros europeus.

Cada tribu africana usa um penteado diferente. A dos *uguas*, por exemplo, costuma enfeitar a cabeça de um modo muito complicado. Dividem o cabelo em quatro partes, puxam-no sobre almofadas, e das pontas fazem quatro tranças, com auxilio de cabelo postiço, quando é preciso. Estas tranças são dispostas em cruz; enterram-lhes muitos espets de ferro polido, e alguns trazem duas enfiadas de *cauris*, que são uns buzios brancos, pequeninos, que servem de moeda.

Usam tambem no cabelo as facas com que fazem signaes na cara, para as tribus se differencarem umas das outras.



As tranças são empastadas e amaciadas com barro vermelho e oleo.

Alguns torcem o cabelo, dando-lhe a fórma de quatro galhos de carneiro.

Estes costumes dão-nos vontade de rir; mas quantas modas ha na Europa que produziram o mesmo effeito aos selvagens africanos?

Que diriam elles se vissem os extraordinarios chapéus das nossas elegantes? se vissem as suas mãosinhas delicadas e setinosas, occultas n'um pedaço de pelle de cabrito? se vissem os exagerados e perigosos tações das suas botinhas? se vissem os apertados espartilhos, que contrariam a natureza, produzindo as doencas? Muitas e muitas coisas os negros filhos do matto encontrariam na Europa que lhes causaria espanto e riso.

Terminamos como principiamos: cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

O JOGO DOS ANIMAES

- Querem jogar o jogo dos animaes?
- Queremos! queremos! Vamos a isso!
- Mas vossês não sabem como é...
- Pois explica-nos.
- Então oiçam. Quando se quer um animal, é necessario comprar-o, e tambem é necessario que haja quem o venda, não é verdade? Ora bem: vossês vão ser os meus animaes. Tu, Henrique, serás o leão; o José será o cavallo, o Pedro será a cabra, o Eduardo será o urso...
- Eu não quero ser urso!
- Pois serás camello. O Julio e o Mario, que são mais pequeninos, serão os ratinhos. Bom; agora o Luciano, que é o mais velho, fará de comprador. Nós vamos para a nossa casa, representada pelo quadrado que eu vou traçar na terra. O Luciano, que não sabe os animaes que eu tenho, vem bater á porta: «Truz! truz!» Eu então pergunto:
- Quem é?
- Venho comprar-lhe alguns animaes.
- Que animaes deseja?

Supponhamos que elle diz: «carneiros»; ao que eu respondo: «não tenho.» Então elle pede um outro animal, e se fór, por exemplo, um camello, que eu tenho, grito logo: «Atenção!» e o Eduardo, sem o dar a conhecer, põe-se de prevenção, porque tem de dar ás pernas. Depois de eu gritar «Atenção!» pergunto ao Luciano:

- Então quanto me dá pelo meu camello?
- O Luciano responde, por exemplo: «Dez tostões» ou «dez libras.» E eu grito logo: «Safa-te!» e o Eduardo foge até ao meio do pateo. Entretanto, o Luciano dar-me-ha, o mais depressa possivel, dez palmadas na mão, uma palmada por cada tostão ou libra, e apenas me tiver pago, irá perseguir o seu camello. Se o Eduardo consegue não ser agarrado e pôde refugiar-se na nossa casa, eu dou-lhe outro nome, e fica sendo outro animal.
- Pois sim, mas não quero ser camello.
- Serás o que tu quizeres; mas deixa-me acabar. Se fôres pilhado, como é natural, visto que o Luciano corre mais do que tu, elle, ao agarrar-te, dir-te-ha, batendo-te ao de leve no hombro: «Uma, duas, três, és o meu cão!» e leva-te para a sua casa, no outro lado do páteo. Depois vem comprar outros animaes, e tu deves ajudal-o a agarrar os fugitivos. Quando estiverem agarrados todos os animaes, o Luciano toma o meu logar, e eu o d'elle. Mas notem que isto leva seu tempo, porque elle não poderá agarrar facilmente todos os animaes, principalmente havendo muitos do mesmo nome, que fugirão para diversos lados ao mesmo tempo.
- Então querem?
- Queremos! queremos! Vamos ao jogo dos animaes!

HORAS ENTRETIDAS

33 — ENIGMA INFANTIL

Por um fresco e verde prado
Passava dama formosa,
Com vestido bem lavrado,
Obra muito curiosa.
Mas não é vestido ou manto,
Nem mostra ponta de pé;
E apesar de ser tão linda
Mette medo a quem a vê.

JOSEPHINO.

34 — ADIVINHAÇÃO

Dois paes e dois filhos foram á caça e mataram tres lebres. Pergunta-se como pôde cada um d'elles trazer para casa uma lebre inteira.

Porto.

ANNA, ERMELINDA & C.^a

35 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é a coisa que quanto maior é menos se vê?

Beja.

36 — CHARADA NOVISSIMA

TRAQUINAS.

Este quadrupede no campo é ar.na.lilha — 2 — 2

FANTOCHE

37 — CHARADA NOVISSIMA

No navio este appellido é appellido — 1 — 2

TITERE.

38 — CHARADA NOVISSIMA

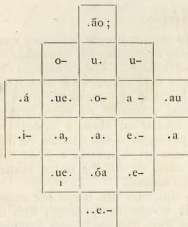
Todos temos na musica este peixe — 3 — 1

FANTOCHE.

39 — ENIGMA (SALTO DE CORCEL)

Maxima com suppressão de consoantes

COMEÇA NA CASA 1



O salto resolvido dá a traducção d'uma bonita maxima de J. Petit Senn. Quem não souber como é o salto, pergunte a qualquer jogador do xadrez.

Lisboa.

40 — PALAVRAS EM CRUZ

NINGUEM.

A
N
ALFLA
O
R
I
P
O

Uma das hastes da cruz é nome de mulher, servindo o O para ambas.

FANTOCHE.

ALEGRIAS

Em familia :

— O negocio em Lisboa está cada vez mais fraco. A minha vontade era fazer outra viagem ao Brazil.

A esposa e os filhos entristeceram repentinamente, com a idéa da separação, e ficaram calados; sómente a Cócó, fazendo uma adorável carinha de amuada, redarguiu :

— Tambem o papá está sempre com vontade de ir ao Brazil! Não sei para quê!

— Para quê, minha filha? para ir buscar pão para ti e para os teus irmãosinhos.

— Ora! não vale a pena!

— Então porque é que não vale a pena?

— Porque o pão chegaria cá muito duro! — respondeu a Cócó com adorável ingenuidade.

Um velho fidalgo inglez, possuidor de immensa riqueza, fez testamento, pelo qual legava todos os seus haveres a um bondoso sacerdote, seu amigo muito intimo, a quem confiou a guarda do referido testamento. Annos depois, e pouco antes de morrer, lembrou-se que o seu amigo estava muito velho, a quem não tinha familia, e que, portanto, a riqueza que tencionava deixar-lhe seria mais bem empregada n'um sobrinho d'elleinglez. Fez, pois, novo testamento, deixando tudo ao sobrinho, com a condição de entregar ao velho padre 500 libras.

Apenas o tio morreu, o sobrinho foi logo remexer-lhe todos os papeis da secretaria, entre os quaes encontrou o precioso testamento. Não querendo dar ao padre as 500 libras, rasgou o testamento, e apresentou-se como unico herdeiro legitimo do fallecido, declarando que seu tio não fizera nenhuma disposições.

Sabendo da morte do seu velho amigo, o padre veio á cidade, e perguntou se tinham encontrado entre os seus papeis algum testamento. Responderam-lhe que não. Então elle tira tranquillamente da sua carteira um testamento, que é aberto pela auctoridade competente, e em vista d'aquelle documento é reconhecido herdeiro universal do inglez, com a clausula de entregar ao sobrinho do defunto 500 libras!

O mau sobrinho teve o castigo da sua avareza e da falta de respeito pela ultima vontade de seu tio.



SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

26, Sipó. — 27, Alcaparra. — 28, Moleiro. Saliu errada esta adivinhação. Devia terminar assim : e como não tenho agua, bebo agua. — O moleiro, (não tendo agua para a azeitea trabalhar, não ganha dinheiro e não pode comprar vinho.) — 29, De rabo de porco, nunca bom virote. — 30, Somno. — 31, Salpicão. — 32, O lacre.